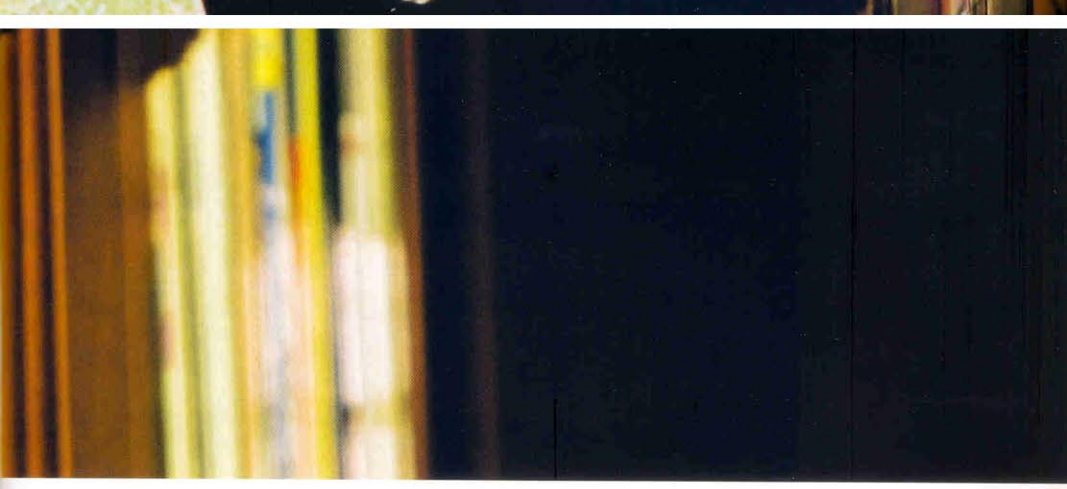




O escritor Luiz Antonio de Assis Brasil em seu escritório. Hoje, sua oficina não recebe mais dilettantes



O FORJADOR DE ESCRITORES

As oficinas literárias do gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil já formaram uma centena de autores. Entre os que seguiram carreira estão Cíntia Moscovich, Michel Laub, Carol Bensimon e Daniel Galera, que lança um novo romance neste mês

POR ARLETE LORINI FOTO RAUL KREBS

Da janela de seu escritório, Luiz Antonio de Assis Brasil gosta de apreciar as heras e as glícinias floridas do pequeno jardim que cultiva nos fundos de sua casa, na zona sul de Porto Alegre. “Coisas de quem avança na idade”, diz o autor, que tem 63 anos. Ele tem ainda o hábito de colecionar livros de novos – e muito especiais – autores. Na sua estante, já contabiliza mais de 120 obras de revelações da literatura brasileira recente, como Daniel Galera, que neste mês lança seu quarto livro, *Cordilheira*. Outros títulos trazem os nomes de Cíntia Moscovich, Letícia Wierzchowski, Michel Laub, Caio Riter, Amílcar Bettega, Carol Bensimon, entre muitos outros. Em comum, todos frequentaram a oficina literária de Assis Brasil. “Eles são meus filhos, alguns até já me deram netos, como a Cíntia, que possui a sua própria oficina”, diz ele. “Vendo esses livros, sinto uma justificativa para o trabalho de uma vida.”

Criada há 23 anos como um curso de extensão universitária junto à Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a oficina coordenada por Assis Brasil é a mais antiga em funcionamento ininterrupto no país. Por ela já passaram mais de 600 aspirantes a escritores, com trabalhos reunidos em 38 antologias. Uma pesquisa revelou que 17% deles continuaram escrevendo depois de participar da oficina. “Alguns descobriram que não queriam ser escritores, outros sentiram falta de possibilidades editoriais”, diz Assis

Brasil. “Mas todos saíram melhores leitores, e só isso já é bom.” A oficina é ministrada durante um ano, em 30 encontros, de quatro horas cada um. No primeiro semestre, são abordadas questões técnicas, como o tempo da narrativa, o espaço, o diálogo, as estruturas narrativas. No segundo semestre, a ênfase está na prática do conto, com seminários para discutir a produção de grandes autores e dos próprios alunos. No fim de cada curso, é publicada uma antologia com textos dos jovens escritores.

Parte do sucesso da oficina de Assis Brasil se deve à seleção para as 15 vagas oferecidas anualmente, disputadas por cerca de 80 candidatos. Ao longo dos anos, o processo foi ficando tão rigoroso que, algumas vezes, as vagas não chegam a ser preenchidas. “Não recebo mais dilettantes, que escrevem em finais de semana”, diz Assis Brasil. “A proposta da oficina é treinar pessoas que já escrevem com um talento reconhecido, mas não têm a técnica.” A maioria dos oficineiros é formada por estudantes universitários, predominantemente de comunicação e letras, com idade média de 20 anos e que pretendem ser escritores profissionais. Ajudada pela internet, a oficina tem atraído também alunos estrangeiros, como no grupo atual, integrado por um catalão. Graças à polivalência do mestre Assis Brasil, a oficina já recebeu alunos da França, da África e do Uruguai, que puderam escrever os seus textos na língua nativa.

10/2008 www.revistabravo.com.br

93

LIVROS

PARA ASSIS BRASIL, O TALENTO É IMPRESCINDÍVEL – A PESSOA TEM OU NÃO TEM. MAS É A TÉCNICA QUE LIBERTA O TALENTO

Entre os ex-alunos do mestre Assis Brasil, o consenso é que as oficinas aceleraram tremendamente o aprendizado literário. “Eu certamente levaria 15 anos para aprender o que conquisei em um ano de oficina”, diz a gaúcha Cíntia Moscovich, 50 anos, ex-oficineira, já com seis livros publicados, entre eles *Arquitetura do Arco-Iris* (2004), com o qual levou o Prêmio Jabuti. “Aprendi que a ideia é uma coisa fugaz, que você só consegue transformar em literatura usando a técnica.” A opinião é compartilhada por Daniel Galera, de 29 anos, que já lançou títulos como *Até o Dia em que o Cão Morreu* (2003), adaptado para o cinema no ano passado por Beto Brant e Renato Ciasca com o título *Cão sem Dona*. “A oficina do Assis me passou de forma rápida o que demoraria cinco anos para aprender por conta própria”, diz. “Passei a compreender como funcionam os tipos de narrativas, os gêneros literários, como cortar frases e usar os clichês.”

Outro mérito de Assis Brasil mencionado por ex-alunos é o fato de o escritor respeitar os estilos de cada um. “Ao contrário do Assis, que trabalha o regionalismo, a identidade cultural, as minhas histórias se passam em

lugares não nomeados”, diz Carol Bensimon, 26 anos, que estreou neste ano na literatura com *Pó de Parede* e acaba de concluir o seu segundo livro. “A oficina me deu a auto-estima literária.”

PÚBLICO JOVEM

Para Assis Brasil, unir as atividades acadêmicas com as de um escritor é um fenômeno universal, observado principalmente nos Estados Unidos, Canadá e Europa. “Os escritores hoje estão saindo das universidades, fazem mestrado e doutorado”, diz. Ele se considera um autor à moda antiga, que tem o seu emprego de professor em tempo integral e escreve depois do expediente, por cerca de duas horas e meia diárias, além de fins de semana e férias.

Porto-alegrense, filho de descendentes açorianos, Assis Brasil passou a infância numa cidade do interior gaúcho, de colonização alemã. Foi uma criança muito protegida, criada entre quatro paredes. De volta a Porto Alegre, estudou os clássicos em colégio de jesuítas. Aprendeu também violoncelo e por 15 anos integrou a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Acabou se formando advogado, profissão que pouco exerceu. Logo migrou para a carreira acadêmica, inicialmente dando aulas na Faculdade de Direito e depois na de Letras, onde obteve o seu título de doutor, em 1987. A essa altura, já estava no seu sétimo livro.

Lançada em 1976, sua primeira obra, *Um Quarto de Léguas em Quadro*, abordava o povoamento açoriano no



LEIA trechos dos lançamentos de Daniel Galera e Carol Bensimon em www.revistabravo.com.br



DISSECAÇÃO E MÉTODO

“Uma coisa boa é a troca entre as pessoas: escrever é um ofício solitário, e os seminários ajudam a analisar o texto. Eu aprendi a dissecar o texto, a perceber que nada nele é gratuito. Assis é metódico, ensina a trabalhar palavra por palavra. Tenho um pouco da disciplina do Assis, planejo bastante uma obra.”

CAROL BENSIMON

Rio Grande do Sul. A partir daí, livros ambientados no passado histórico gaúcho, principalmente nos séculos 18 e 19, têm permeado a sua obra. “Até a minha geração, o Rio Grande do Sul era um problema a ser resolvido”, diz Assis Brasil. “Os jovens autores gaúchos estão libertos disso. Podem até a tomar com o estado.”

Com 17 obras publicadas e cerca de 160 mil exemplares vendidos, é no estado gaúcho que Assis Brasil concentra o seu grande público leitor – no que ele também difere de alguns de seus ex-alunos. Ele diz que já passou da fase de procurar reconhecimento em outras praças. “A minha grande ambição é escrever melhor, e não ser um autor nacional”, diz. Se no passado as referências de Assis Brasil estavam em escritores como Eça de Queirós, Machado de Assis e Erico Veríssimo, hoje são autores como o francês Pascal Quignard, o italiano Alessandro Baricco, alguns portugueses contemporâneos e americanos. Todos adeptos do texto conciso e essencial, que provocou uma mudança radical na sua obra, a partir do livro *O Pintor de Retratos* (2001). Aqui, ele abandonou os parágrafos abundantes e detalhistas e buscou uma escrita enxuta. Como resultado, seus últimos três livros não passaram de 130 páginas, algo inédito para o autor de *Videiras de Cristal* (1990), que tinha 526 páginas.

Foi um desafio para o autor, que na época tinha mais de 50 anos e corria o risco de perder o seu público cati-

vo. “Não estava satisfeito com o resultado dos meus livros”, diz. “A partir disso, passei a receber os maiores prêmios nacionais, o que significa que eu estava certo em mudar.” A crítica aprovou, e aconteceu de seu público ficar mais jovem. Um prêmio que surpreendeu o autor foi o Copa de Literatura Brasileira, em 2007, por sua última obra, *Música Perdida* (2006). “É uma votação feita por blogueiros, gente muito jovem”, diz.

A recente mudança no estilo de escrever do autor o aproximou, em certo sentido, da obra de muitos de seus ex-alunos, marcadas pela concisão. Mas não afetou características do ofício que ele, por sua vez, procurou transmitir a seus oficineiros: planejamento e disciplina. Tão importantes, no seu caso, quanto o conhecimento das técnicas de escrita. “O talento é imprescindível e indefinível, a pessoa tem ou não tem”, diz Assis Brasil. “Mas é a técnica que liberta o talento.”

O QUE LER

Do escritor Assis Brasil: *Música Perdida* (L&PM, 222 págs., R\$ 25,20). *Dos alunos: Cordilheira*, de Daniel Galera (Companhia das Letras, 176 págs., preço a definir); *Arquitetura do Arco-Iris*, de Cíntia Moscovich (Record, 176 págs., R\$ 28); *Pó de Parede*, de Carol Bensimon (Nêo Editora, 128 págs., R\$ 25).

SUBTEXTO E CONCIÇÃO

“A oficina me influenciou na compreensão de como o texto aparente está a serviço da história oculta, do subtexto. Aprendi também a cortar frases e outras coisas: concisão era um dos valores que o Assis nos ensinava. E ele dizia que as regras eram para ser entendidas e depois desvirtuadas.”

DANIEL GALERA

